

PONTES E CAMINHOS EXPRESSIONISTAS DE MÁRIO DE ANDRADE: A
“SÍNTESE EMOTIVA” ENTRE ARTE E REALIDADE EM *AMAR, VERBO
INTRANSITIVO*

Érica Schlude Wels

Graduação em Português / Alemão

PROF. ORIENTADOR: Wellington de Almeida Santos

O objetivo desse artigo é estabelecer uma ponte entre as personagens Fräulein-Elza e Carlos, do romance *Amar, verbo intransitivo: Idílio* (1927), de Mário de Andrade, e as óperas de Richard Wagner, “A Valquíria” e “Siegfried”.

Escritor do Modernismo brasileiro, Mário de Andrade conhecia alemão e era leitor da revista *Der Sturm*, importante veículo dos ideais expressionistas: são muitas as pistas do diálogo desse artista com o mundo germânico. A síntese do fascínio de Mário de Andrade em relação à arte moderna alemã pode ser encontrada no “romance cinematográfico” *Amar, verbo intransitivo: Idílio*, por meio de múltiplos acessos: a personagem *Fräulein*, as influências dos primórdios do cinema na elaborada técnica de composição do romance; os acordes dissonantes da música expressionista, assim como as óperas de Wagner, *A Valquíria*, *Siegfried*, as quais pontuam o idílio entre o jovem “machucador” Carlos e sua “professora de amar.”

O subtítulo “idílio” remete às personagens Siegfried e Brunilde. Estas personagens estão presentes na tetralogia *O anel dos Nibelungos*, assim composta: *Das Rheingold* (*O ouro do Reno*), *Die Walküre* (*A Valquíria*), *Siegfried* e *Götterdämmerung* (*Crepúsculo dos deuses*). O destino trágico da valquíria Brunilde encerra a ópera *A valquíria*, ao passo que Siegfried é o protagonista da ópera de mesmo nome, reencarnado em Carlos, sua extensão humano-burguesa. Em *A Valquíria*, Siegmund e Sieglinde se unem e esta dá a luz ao herói Siegfried.

Amar, verbo intransitivo conta a lição de amar, isto é, a iniciação amorosa, entre a governanta *Fräulein*, chamada simplesmente de Elza, alemã, professora de línguas e de piano. Vale ressaltar que Elsa é o nome da personagem de outra ópera de Wagner, *Lohengrin* (1845).

Por centrar-se na passagem amorosa, o romance recebeu a classificação de “idílio”, expressão estampada na capa, já na edição de 1927 e mantida mesmo depois do texto refundido para a segunda edição das obras completas, de 1944. O

JUNGERMANISTEN/JOVENS GERMANISTAS

núcleo da narrativa é a descoberta do amor, sua prática entre o jovem Carlos, “machucador”, rapaz que se masculiniza, e a pedagogia severa de *Fräulein*. Contudo, ela se afeiçoa mais do que desejaria a Carlos. É um “amor ingênuo e terno” (1995, p. 282), para utilizar uma definição corrente de “idílio”, segundo o *Dicionário de Termos Literários* de Massaud Moisés.

A relação de Mário de Andrade com a música, como já se sabe, é longa e fértil. Professor de música, ele acreditava na união das artes, traço caracterizador da vanguarda da época. Na Alemanha, basta pensarmos no conceito de *Gesamtkunstwerk*, isto é, a “obra de arte total” defendida pelos expressionistas e exemplificada na trajetória da escola Bauhaus, além da visão estética e postura artística do próprio Wagner. Naturalmente, em *Amar, verbo intransitivo*, a música também está presente, estruturando a narrativa e a criação de personagens e situações; segundo Telê Ancona Lopez, à introdução da edição do romance, de 2002, “A música de Wagner é um ponto chave que se revela no arcabouço do texto.” (p 27).

Macunaíma (1926) foi rotulado de uma “rapsódia”¹, ficção que ambiciona ser um “canto”, segundo as perspectivas do canto moderno, aberto às experimentações. Já “O besouro e a rosa” foi rotulado de “intermezzo”². Logo, *Amar, verbo intransitivo* aproxima-se do universo da ópera, mais precisamente, das composições de Richard Wagner.

Se Carlos é a extensão burguesa do herói Siegfried, *Fräulein* (ou Elza) é a heroína que guarda traços prototípicos (LOPES, 2002, p. 9), a Valquíria adormecida em sono profundo, à espera do verdadeiro amor. Segundo o libreto da ópera, Brunilde recebe o castigo de Wotan (ou Odin, a autoridade suprema), sendo condenada a permanecer adormecida num círculo de fogo. Somente um herói que nada teme pode despertá-la. A tragicidade – segundo nossa leitura, cerne da caracterização do romance como uma ópera – está no caráter contraditório da personagem *Fräulein*, exemplar de um povo possuidor de forte caráter nacional,

¹ Na área musical, uma rapsódia é uma “peça musical de forma livre que utiliza geralmente melodias, processos de composição improvisada e efeitos instrumentais de determinadas músicas nacionais ou regionais.” (HOUAISS, 2004, p. 2385)

² Segundo o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, edição de 2004, intermezzo é uma “pequena representação dramática, ou, mais frequentemente, peça musical executada no intervalo entre dois atos de uma ópera ou peça teatral, entreato, intermédio. Pode, ainda, significar peça musical independente.

mas pressionada em ganhar a vida sacrificando sua moral. É o conflito, bem expresso no romance, entre o “homem-do-sonho” e o “homem-da-vida”. “(...) O alemão é condenado porque tenta amordaçar o sublime e o brasileiro porque não possui consciência, conhecimento de seu modo de ser.” (ANDRADE, 2002, p. 14). O amor destinado a naufragar, fadado à separação, entre um rapaz de família burguesa de 16 anos e uma “professora” alemã de 35, complementa o aspecto trágico contido no romance.

Recorrendo às tintas expressionistas, cuja influência também se nota na obra, o autor pinta a burguesia com traços grotescos, fazendo uso também da comicidade. Sousa Costa é o próprio “burguês-níquel” de “Ode ao Burguês”, aquele que estampa lombadas de livros na estante, “volumes virgens”, intocáveis, da mesma forma que coleciona bois em sua fazenda. Ainda como os expressionistas, Mário se interessa pela complexidade interna de cada personagem e está aberto ao “sentimento trágico da vida”. (ANDRADE, 2002, p. 14) “O que acham-se vulgarmente personalidade é um complexo e não um completo. (...)” (Idem, p. 80)

Podemos considerar a cena do grito na Floresta da Tijuca o ápice do abandono trágico de Fräulein. É o próprio grito do mais completo desalento e desespero de Edward Munch, é a um só tempo, trágico e expressionista: “(...) Tanta sensação forte ignorada ... a imponentia dos céus imensos ... o apelo dos horizontes invisíveis... Abriu os braços. Enervada, ainda pretendeu sorrir. Não pôde mais. O corpo arrebitou. Fräulein deu um grito. (Id., p. 122)

Os elementos wagnerianos presentes no texto ainda remetem aos momentos de divagação de Fräulein “seus impulsos de deus encarcerado, o compositor [Wagner] tão valorizado por Nietzsche, pelos expressionistas, o criador do *pathos* grandioso e do drama lírico.” (LOPEZ, 2002, p. 27)

Resumindo, o idílio de Siegfried e Brunilde simboliza a condição humana do par amoroso, suas fraquezas e sua tragédia. Já a valquíria Brunilde- Fräulein sacrificará o heróico, pois possui a força de uma personagem clássica, alimentando, a um só tempo, sua fraqueza e seu sonho. O sonho de Brunilde, imóvel, encantada, a ser libertada pelo “homem do sonho”.

JUNGERMANISTEN/JOVENS GERMANISTAS

“Numa das voltas, olhando para trás, viu a montanha curvada, com o sol lhe mordendo as ilhargas. Era Loge, deus do incêndio..as montanhas assustadas, grimpendo os itatins com gestos de socorro, contorcidas. Loge perseguia as medrosas, lambido de chamas, trinando. Fräulein escutou um xilofone, o tema conhecido. E o encantamento do fogo principiou para Brunilda.” (Idem, p. 122). Assim, “Wagner é um dos pólos de Fräulein; calejada conhecedora do desamor, é heroína em cujo comportamento repercutem notas de Siegfried e dos *Götterdämmerung*.” (LOPEZ, 2002, p. 29)

O amor de Siegfried e Brunilde, um herói e uma valquíria, representa o ideal de amor completo, sonhado. Carlos, afastando-se, de costas, é o Siegfried “Vitorioso, sereno” (ANDRADE, 2002, p. 69). Contudo o “Siegfried” brasileiro, no dizer de Telê Ancona Lopez, à introdução da edição de 2002 do romance, não acordará a amada de seu sonho profundo: é o “machucador”, bruto, que se embaraça com o poema, que se comove com a amada, mas que perde a hora no primeiro encontro, voltando a bater à porta da amada, de forma autoritária e impetuosa. A alemã austera que, após ceder aos assédios de Carlos, sente-se com raiva dos homens e ressentido de ser mulher, assemelha-se à Brunilde presa ao seu destino de mulher. Afinal, por desobedecer ao pai Wotan, deve renunciar à imortalidade e esperar pelo amor de um herói.

O núcleo da narrativa é, portanto, o idílio, os momentos fantasiosos de Fräulein, ao som da Pastoral de Bethoven: a moça se vê regando flores, enfeitando os cabelos com margaridinhas. A idade de ouro de Elza reveste de tragicidade, a professora é vítima de um amor fadado ao fracasso: tal ingrediente ganha força no impacto da ópera. Logo, o paradoxo entre o sonho, o ideal amoroso e a dura realidade da vida burguesa evidenciam o aspecto trágico que confere o tom operístico à obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. Idílio. 17. ed. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JUNGERMANISTEN/JOVENS GERMANISTAS

GENS, Rosa Maria. Uma leitura de amar, verbo intransitivo. Estudos de Literatura Brasileira – 2. Modernismo. Setor de Literatura Brasileira. Departamento de Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, 1986, p. 53-59.

GUINSBURG, J. (Org.). *O expressionismo*. São Paulo: Perspectiva: Edit. da USP; Campinas: Edit. da Unicamp, 2002.

MONIZ, Luiz Cláudio. *Mito e Música em Wagner e Nietzsche*. São Paulo: Madras, 2007.